



NEWSLETTER

28 Dezembro 2020 - nº 74

INSTITUTO DE SAÚDE BASEADA NA EVIDÊNCIA

Presidente: Ana Paula Martins

Presidente do Conselho Científico: António Vaz Carneiro



O objectivo da Newsletter do Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE) é a disponibilização de informação sobre áreas importantes para a prática clínica, com base na melhor evidência científica. São localizados estudos relevantes e de alta qualidade, criticamente avaliados pela sua validade, importância dos resultados e aplicabilidade prática e resumidos numa óptica de suporte à decisão. É dada prioridade aos estudos de causalidade – revisões sistemáticas, ensaios clínicos, etc. – incluindo-se ainda, quando justificado, estudos qualitativos e metodológicos, assim como artigos de revisão. Esta NL é da responsabilidade do(s) seu autor(es) e não das instituições que a apoiam: ISBE e Cochrane Portugal

Autor: António Vaz Carneiro (revisão do texto: Susana Neto). Pedidos de referências: isbe@isbe.pt

A recomendação do uso de máscaras na comunidade parece ter efeito modesto na prevenção da infecção por SARS-CoV-2 dos seus utilizadores

Referência: Henning Bundgaard et al. Effectiveness of adding a mask recommendation to other public health measures to prevent SARS-CoV-2 infection in danish mask wearers. A Randomized Controlled Trial. *Ann Intern Med.* doi:10.7326/M20-6817. Published on 18 November 2020

Análise do estudo: o objectivo deste ensaio clínico aleatorizado e controlado (DANMASK-19) foi avaliar se a recomendação do uso de máscaras cirúrgicas na comunidade reduz o risco de infecção nos seus utilizadores, num contexto em que aquelas não eram recomendadas e o uso espontâneo era pouco frequente. Durante os meses de Abril e Maio foram recrutadas 6.024 pessoas com mais de 18 anos e que passavam mais de 3 horas por dia fora de suas casas, não usando máscara na comunidade. Foram aleatorizados 3.030 participantes para uso permanente de máscaras (grupo experimental – GE, com oferta de 50 máscaras/mês) e 2.994 sem instruções para o seu uso. O objectivo principal do estudo foi a determinação da incidência de infecção por SARS-CoV-2 aos 30 dias, determinado por teste serológico ou de PCR, ou diagnóstico hospitalar. O estudo realizou-se num contexto em que existiam recomendações de outras medidas não-farmacológicas para controlo da infecção (higiene das mãos, distanciamento social, etc.). Em termos de adesão, 46% usaram as máscaras como recomendado, 47% usaram-nas predominantemente e 7% não seguiram as recomendações.

O estudo foi concluído por 4.862 pessoas e o resultado primário – infecção por SARS-CoV-2 - verificou-se em 42 participantes (1,8% de 2.392) do grupo experimental, e em 53 participantes (2,1% de 2.470) do grupo de controlo, uma diferença que, estatisticamente, não é significativa. Numa análise de intenção de tratar, a diferença entre os grupos foi de -0,3 pontos percentuais (IC = -1,2 a 0,4 P=0,38) (odds ratio=0,82 [IC = 0,54 a 1,23]; P = 0,33) a favor do grupo de utilizadores de máscaras, um resultado que pode ser interpretado como inconclusivo (o IC sugere uma gama de impacto de menos 46% a mais de 23% de infecções).

Aplicação prática: este estudo experimental – o primeiro analisando o uso de máscaras na comunidade - concluiu que, num contexto de aplicação de outras medidas não farmacológicas de controlo viral, o uso de máscaras não parece ter grande impacto na prevenção do contágio pelo coronavírus nos seus utilizadores (nada sabemos da transmissão aos outros). Os resultados, mais do que negativos (“as máscaras não funcionam”), parecem inconclusivos (“as máscaras podem diminuir a transmissão de infecção até 46% dos casos, mas aumentar até 23% dos casos”). As dificuldades conhecidas na utilização correcta das máscaras (50% neste estudo) pode ser um factor nestes resultados. É preciso relembrar, no entanto, que o estudo analisou a recomendação para a utilização de máscara, não o seu uso obrigatório. E quão difícil é estudar esta intervenção preventiva, quer pela impossibilidade de estudar o grau de contágio para os outros, quer pela necessidade de utilização correcta das máscaras.

Anticorpos neutralizantes da infecção pelo SARS-CoV-2 parecem ser protectores de reinfeção

Referência: S.F. Lumley et al. Antibody status and incidence of SARS-CoV-2 infection in health care workers. *NEJM*, DOI: 10.1056/NEJMoa2034545, Published on December 23, 2020

Análise do estudo: um dos problemas mais relevantes para o controlo da pandemia da Covid-19 é o impacto – a curto e a longo prazo - dos anticorpos neutralizantes nas taxas de reinfeção pelo coronavírus. Foram testados 12.541 profissionais de saúde – seropositivos ou seronegativos (por serologia de IgG) - de uma única instituição (*Oxford University Hospitals*), para detecção com PCR de novas infecções pelo SARS-CoV-2, num seguimento global de 31 semanas. Nesta amostra, 11.364 indivíduos eram seronegativos, 1.265 eram seropositivos e 88 positivaram durante o estudo. No grupo de seronegativos, 223 indivíduos assintomáticos e 123 sintomáticos vieram a ter um PCR positivo no mês seguinte, enquanto no grupo de seropositivos (*anti-spike antibodies*) apenas 2 pessoas (assintomáticas) vieram a ter um PCR positivo.

Aplicação prática: a presença de anticorpos neutralizantes reduziu drasticamente o risco de reinfeção em profissionais de saúde seropositivos para o SARS-CoV-2. A imunidade celular por células T não foi avaliada neste estudo.